

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

BRUNO ROSA DA ROSA

“NÃO É BRINCADEIRA DE BICHA”: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES
DE HOMOSSEXUAIS NO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA*

**Bagé
2019**

BRUNO ROSA DA ROSA

**“NÃO É BRINCADEIRA DE BICHA”: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES
DE HOMOSSEXUAIS NO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras – Português e Literaturas de
Língua Portuguesa da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para obtenção do
Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Santos da Silva

**Bagé
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

R788n Rosa, Bruno Rosa da
Não é brincadeira de bicha: um estudo sobre representações
de homossexuais no Jornal Lampião da Esquina / Bruno Rosa da
Rosa.
54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2019.
"Orientação: Thiago Santos da Silva".

1. Análise de discurso crítica. 2. Lampião da Esquina. 3.
Bichas. 4. Gay. 5. LGBT+. I. Título.

BRUNO ROSA DA ROSA

**“NÃO É BRINCADEIRA DE BICHA”: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES
DE HOMOSSEXUAIS NO JORNAL LAMPLÃO DA ESQUINA**

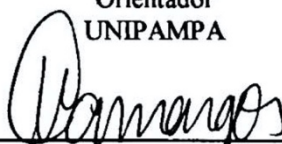
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras – Português e Literaturas de
Língua Portuguesa da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para obtenção do
Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04 de dezembro de 2019.

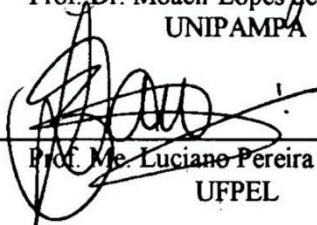
Banca examinadora:



Prof. Dr. Thiago Santos da Silva
Orientador
UNIPAMPA



Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos
UNIPAMPA



Prof. Me. Luciano Pereira dos Santos
UFPEL

Para Átila, Clair e Gilmar

AGRADECIMENTOS

- *Ao Prof. Dr. Thiago Santos, pela dedicação e leitura atenta do meu trabalho. Suas observações e ensinamentos, além de norteadores, foram essenciais para a minha reflexão e construção desta pesquisa.*
- *A todas as professoras e professores de minha graduação que, direta ou indiretamente, contribuíram com aprendizados que me fizeram chegar até aqui.*
- *Ao meu namorado, por me compreender e me apoiar sempre. Esse trabalho é dedicado também a você.*
- *Aos meus pais que, com suas histórias, motivaram-me a estudar e serviram de inspiração.*
- *Ao FNDE e ao PET-Letras, pela bolsa concedida durante quase todo o período de graduação.*

*Os estudiosos do discurso são unânimes ao afirmarem
que o discurso produz e transforma a realidade.*

Zilda Aquino

RESUMO

Nesta pesquisa, buscamos estudar os processos de representação dos sujeitos homossexuais no *Lampião da Esquina*, primeiro jornal brasileiro assumidamente gay que circulou entre os anos 1978 e 1981, período de abrandamento dos anos de censura do regime militar que governou o país de 1964 a 1985. Como aporte teórico, utilizamo-nos da Análise de Discurso Crítica (ADC) proposta por Fairclough (2001), que pressupõe que toda análise discursiva acontece em três diferentes níveis: a) análise da prática social, b) análise da prática discursiva e c) análise da prática textual. Assim, entendendo que língua e sociedade caminham lado a lado, nosso objetivo foi compreender como a designação linguística “bicha”, historicamente empregada para se referir aos homossexuais de maneira insultuosa, agora adquire um outro significado, em um cenário de abertura política. Para a ADC, a linguagem é considerada uma prática social carregada de valores ideológicos, envolvendo atores sociais, noção apresentada por Van Leeuwen (1997), cuja análise é capaz de identificar como os sujeitos podem ser incluídos ou excluídos dos discursos por meio de diferentes processos. Para a metodologia, adotamos os princípios da ADC sobre os níveis de análise supracitados, compreendendo, também, que a pesquisa tem viés qualitativo, permitindo ao pesquisador uma aproximação com a realidade a ser investigada. Para a constituição do *corpus* de análise, selecionamos, com o buscador, nove textos nos quais fosse possível identificar a palavra “bicha” em seu corpo ou título. Por meio desse recorte, portanto, foi possível perceber que O *Lampião da Esquina* foi capaz de construir outros sentidos para o vocábulo aqui analisado, num movimento de ressignificação a partir da evocação de discursos homofóbicos.

Palavras-chave: Análise de discurso crítica. *Lampião da Esquina*. Bichas. Gay. LGBT+.

ABSTRACT

In this research, we seek to study the processes of representation of homosexual subjects in *Lampião da Esquina*, the first admittedly gay Brazilian newspaper that circulated between 1978 and 1981, a period of relaxation of the censorship years of the military regime that ruled the country from 1964 to 1985. As a theoretical basis, we use the Critical Discourse Analysis (ADC) proposed by Fairclough (2001), which assumes that all discursive analysis takes place at three different levels: a) analysis of social practice, b) analysis of discursive practice and c) analysis of textual practice. Thus, understanding that language and society go hand in hand, our goal was to understand how the linguistic designation “faggot”, historically used to refer to homosexuals in an insulting way, now takes on another meaning in a scenario of political openness. For ADC, language is considered a social practice loaded with ideological values, involving social actors, a notion presented by Van Leeuwen (1997), whose analysis is able to identify how subjects can be included or excluded from discourses through different processes. For the methodology, we adopted the principles of the ADC on the above levels of analysis, also understanding that the research has a qualitative bias, allowing the researcher an approximation with the reality to be investigated. For the constitution of the corpus of analysis, we selected, with the searcher, nine texts in which it was possible to identify the word “faggot” in its body or title. Through this clipping, therefore, it was possible to realize that *Lampião da Esquina* was able to construct other meanings for the word analyzed here, in a movement of resignification from the evocation of homophobic discourses.

Keywords: Critical discourse analysis. *Lampião da Esquina*. Faggot. Gay. LGBT+.

SUMÁRIO

1 LEVANDO O LAMPIÃO PRA ESQUINA	12
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
2.1 O Lampião: contribuições para a construção dos primeiros movimentos homossexuais no Brasil.....	16
2.2 Homossexualidade, doença, pecado e criminalidade: implicações dos discursos médico, religioso e jurídico sobre os sujeitos gays.....	19
3 DISCUSSÃO TEÓRICA.....	22
3.1 A Análise de Discurso Crítica (ADC)	22
3.2 As formas de representação dos atores sociais	25
3.3 O sistema de avaliatividade	27
4 METODOLOGIA.....	28
4.1 A Análise de Discurso Crítica: abordagem teórico-metodológica	29
4.2 Delimitação da pesquisa e <i>corpus</i>.....	29
4.3 Critérios para a seleção do <i>corpus</i>	29
4.4 Procedimentos para análise.....	30
5 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE.....	31
5.1 Bichas representadas como sujeitos que só possuem subempregos.....	31
5.2 Bichas representadas como sujeitos estereotipados	33
5.3 Bichas representadas como grupo homogêneo	34
6 APAGOU O LAMPIÃO?	38

REFERÊNCIAS.....	41
ANEXOS.....	44
APÊNDICES	49

1 LEVANDO O LAMPIÃO PRA ESQUINA

Apontado como o primeiro jornal gay da história do Brasil, o Lampião da Esquina (1978 – 1981) chega com uma proposta diferente, com todas as edições direcionadas à população gay e outros grupos considerados minoritários, tais como negros, mulheres, pessoas transexuais e travestis. Desta maneira, surgido no âmbito da imprensa alternativa, o jornal veiculava notícias, reportagens e diversos outros materiais considerados subversivos pelo regime militar instaurado no país.

Segundo Pinheiro (2017),

Desde 1964, o Brasil estava sujeito a uma ditadura militar cuja política de controle e repressão alcançava também a esfera cultural. As redes de televisão, com capacidade abrangente de comunicação, recebiam uma atenção particular, devendo se adequarem ao padrão de moralidade igualmente repressor do governo. Nesse contexto, a objeção da TV Globo em exibir “um afeminado” em sua programação fazia eco à orientação governamental então vigente, conforme indicam alguns documentos dos acervos dos órgãos de informação e censura do regime militar, atualmente geridos pelo Arquivo Nacional (PINHEIRO, 2017, p. 15).

Desse modo, de acordo com tal afirmação, é possível falarmos a respeito do silenciamento a que a comunidade LGBT era costumeiramente submetida, fato que foi reforçado no regime militar – contexto histórico e social considerado importante por nós, uma vez que, durante tal regime, deu-se a produção, distribuição e consumo do Lampião da Esquina.

Assim, durante o regime militar, a repressão à produção cultural perseguiu ideias, pensamentos e formas de ser que, porventura, pudessem ser compreendidos como contrários à ideologia do governo, inclusive produções que não tivessem conteúdo diretamente político passariam, em algum momento, pelo crivo da censura.

Ainda de acordo com Pinheiro (2017),

[...] segundo a perspectiva da Doutrina de Segurança Nacional, a presença da homossexualidade na esfera pública e nos meios de comunicação não seria apenas uma ofensa aos valores tradicionais das famílias, mas também parte do processo de desintegração social que, se não provocado por forças comunistas, bem atendia a seus interesses, razão por que a repressão aos homossexuais se inseria numa lógica ampliada do combate à guerra revolucionária levada a cabo pela ditadura militar (PINHEIRO, 2017, p. 20).

A presença da homossexualidade em ambientes públicos e na mídia, portanto, não rompia apenas com os princípios morais da família tradicional brasileira, mas se constituía, também, como uma das razões responsáveis pela desintegração da sociedade tradicional e

patriarcal, pois a comunidade LGBT se colocava em uma posição de resistência a tudo aquilo que fosse considerado censurador e repressivo.

É no momento final da ditadura, isto é, quando esta caminhava em direção ao seu enfraquecimento pós AI-5¹, que essas vozes, antes silenciadas, agora se insurgem contra as proibições provocadas pelo regime militar em prol de uma liberdade de expressão e livre pensamento.

Desse modo, o *Lampião da Esquina* tratava de representar grupos sociais que não possuíam vozes na sociedade, caracterizando-se, assim, como um importante instrumento na construção de uma sociedade plural e democrática, capaz de compreender as mais diferentes manifestações culturais e de pensamento.

Contando com 38 edições ao todo, incluindo a número zero, uma das principais preocupações do *Lampião da Esquina*, segundo Bandeira (2006, p. 30) era “lançar luz sobre um objeto que até então tivera a sua existência colada aos lugares recônditos e obscuros dos guetos: a homossexualidade.” A partir dessa afirmação, entende-se que o jornal desejava retirar o sujeito homossexual das margens da sociedade, ou, ao menos, desconstruir o imaginário coletivo que se tinha à época a respeito da homossexualidade.

O conteúdo do jornal, em um primeiro momento, ainda era muito centrado nos homens homossexuais brancos. Havia pouca ou nenhuma menção à presença do sujeito negro e à presença da e do transexual e das travestis, algo que se modifica ao longo das edições.

Assim, conforme o avanço dos entendimentos e dos estudos sociais, o *Lampião da Esquina* foi se abrindo aos discursos que englobavam as diferentes expressões da sexualidade humana, das lutas por igualdade de gênero e pelo fim do racismo, pois entendia que falar apenas sobre homossexualidade não seria mais cabível em um país majoritariamente plural como o Brasil (TREVISAN, 2000).

A palavra “bicha” aparece com frequência no *Lampião da Esquina* e seu significado sofreu alteração com o passar dos anos e a evolução dos estudos sobre gênero e sexualidade. Essas alterações produzem diferentes significados que repercutem inclusive nos dias atuais, mesmo 38 anos após a última edição do jornal, em função do passar do tempo, da abertura democrática do país e da saída do regime militar, algo que levantamos aqui como uma hipótese.

¹ O Ato Institucional Número Cinco (AI-5) foi um dos decretos expedidos pelo então presidente Artur da Costa e Silva, em 1968. Considerado o Ato Institucional mais autoritário, o decreto permitia a cassação de mandatos de políticos que eram contrários ao regime militar, bem como a legalidade de interdições de direitos humanos básicos, o que acabou resultando, posteriormente, em torturas utilizadas pelo Estado para obtenção de informações.

Logo, com este trabalho, trazemos uma discussão com vistas à reflexão do que pode vir a significar a palavra “bicha” em um determinado contexto, pensando sobre como os processos políticos e ideológicos perpassam pela linguagem e pela escolha lexical de palavras e sobre como, também, os meios de produção e consumo podem desempenhar papéis igualmente significativos nessas escolhas linguísticas.

Por esse motivo, são nossos objetivos: a) estudar, por meio da ADC, as representações que são construídas para os homossexuais no *Lampião da Esquina*, publicado entre os anos 1978 e 1981; b) observar quais designações linguísticas foram utilizadas para representar tais sujeitos; c) observar como as representações foram avaliadas (se positiva ou negativamente) e d) identificar quais os significados que essas designações linguísticas construíram para o contexto de publicação do jornal. Desse modo, pode ser possível compreender os motivos de tais designações e quais as implicações sociais e discursivas promovidas por determinadas escolhas linguísticas, sem, necessariamente, termos a pretensão de comprovar algo, pois este estudo se trata, também, de uma leitura interpretativa que realizamos.

Segundo Oliveira e Carvalho (2013), a ADC proposta por Fairclough passa por três questões básicas:

(1) as relações dialéticas entre discurso e práticas sociais; (2) o grau de conscientização que as pessoas têm (ou, o mais provável para ele, não têm) acerca dessas relações; e (3) o papel essencial do discurso nas mudanças sociais (OLIVEIRA; CARVALHO, 2013, p. 282).

Assim, fazemos um exercício de análise partindo da premissa de que língua e sociedade caminham lado a lado, sendo, portanto, uma indissociável da outra.

Desta maneira, este estudo justifica-se pelo fato de que pode contribuir para o melhor entendimento sobre como pessoas com orientações sexuais que diferem da heterossexualidade normativa podem ser representadas por meio de escolhas linguísticas e práticas sociais específicas. Por essa razão, é necessário pensar sobre essas questões, de modo a entender essa ideia de homossexualidade articulada ao discurso e à sociedade.

Além disso, é indispensável a compreensão a respeito do *Lampião da Esquina* como o primeiro jornal gay do Brasil, que surge e possibilita o aparecimento de vozes dissonantes, emudecidas em tempos passados. Assim, o *Lampião* funcionou como um catalisador para a primeira onda dos movimentos LGBT no país, pois impulsionou ativistas e grupos de resistência que buscavam defender e assegurar direitos relacionados à livre orientação sexual,

logo quando o Brasil encontrava-se em um contexto de maior liberdade, considerando que, em 1977, começava o período hoje conhecido como o de “abertura” política (MACRAE, 1985).

Cabe pensar, portanto, como o cenário histórico afeta (e é afetado por) os significados construídos no discurso. Deste modo, é relevante pensarmos o que é histórico e como isso pode possibilitar diferentes produções de significados nos textos. No caso do *Lampião da Esquina*, este surge com um propósito bastante específico e seus textos são afetados diretamente pelo cenário histórico do momento.

Na primeira etapa deste trabalho, nos ocupamos de introduzir o *Lampião da Esquina* e apresentar qual a sua principal proposta em um contexto de ditadura. Na segunda etapa, fazemos uma revisão bibliográfica sobre a história dos primeiros movimentos LGBTQ+ no Brasil e, na terceira, realizamos uma discussão teórica sobre a ADC. Na quarta etapa do trabalho, apresentamos os procedimentos metodológicos e, por fim, na quinta, elaboramos as análises.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O Lampião: contribuições para a construção dos primeiros movimentos homossexuais no Brasil

Em 1970, o movimento homossexual teve seu começo no Brasil, caracterizando-se como grupos de indivíduos que se uniram tendo suas identidades e orientações sexuais como um ponto em comum na luta política em busca da garantia de direitos. A trajetória desse movimento pode ser compreendida em três diferentes momentos, chamados por alguns autores de “ondas”.

O primeiro momento, ou “primeira onda”, diz respeito ao surgimento e à difusão do movimento homossexual no país, em um período de abertura política, tendo sido registrados pela maior parte dos livros e documentos sobre o tema. Nesse momento da história, as manifestações e as iniciativas de projetos para discutir a homofobia e o preconceito, por exemplo, ainda eram muito concentradas nas cidades do Rio e São Paulo e possuíam caráter vigorosamente antiautoritário, sendo caracterizadas, portanto, como “libertárias” (TREVISAN, 2000).

Segundo Trevisan (2000),

A partir de meados da década de 1970, o amor homossexual começou a furar a barreira da censura ditatorial e dos setores mais reacionários, para chegar até as capas de revistas de circulação nacional – caso da *IstoÉ*, que dois anos antes da *Time* apresentou em sua capa duas mãos masculinas ternamente enlaçadas, ilustrando matéria sobre o tema (TREVISAN, 2000, p. 294).

O Movimento de Liberação Homossexual fez parte de uma tentativa de se abrir para o mundo, procurando se conciliar com seu tempo, dado que, a partir dos anos 1975, com o abrandamento do período ditatorial brasileiro, começa a se desenhar, no país, um movimento de cosmopolitização, quando os cidadãos se tornariam, então, cidadãos do mundo. Ainda segundo Trevisan (2000), enviados ao exílio forçado e retornados ao país graças à anistia instaurada em 1979, alguns intelectuais e artistas da época entraram em contato com esse mundo exterior já mais evoluído e com melhores compreensões acerca dos mais diferentes movimentos e lutas sociais. Assim, ao regressarem ao lar, trouxeram consigo vivências e experiências adquiridas em sua forçada temporada longe de casa.

Reis (2007) esclarece que as primeiras investidas do Movimento de Liberação Homossexual aconteceram na Europa entre os anos 1850 e 1993, como um tipo de resposta às leis da época que promoviam criminalizações de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

Do mesmo modo, na Alemanha nazista, durante os anos 1933, também ocorreram movimentos do tipo pelo fato de se terem verificado mais de 200 mil mortes de homossexuais nos campos de concentração. Pode-se compreender, a partir disso, que as primeiras iniciativas do Movimento foram oposição às repressões das consideradas ideologias dominantes².

Em razão disso, chegam até nós algumas inquietações no que concerne aos movimentos feministas, ecológicos, antirracistas e LGBT+³, pautas presentes em países capitalistas avançados, como Estados Unidos, Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Suécia. O próprio Trevisan, escritor, jornalista e defensor do movimento homossexual, ao regressar de seu exílio voluntário, trouxe para o Brasil – mais especificamente para o seio da comunidade gay – algumas discussões que acabaram tornando-se partes fundamentais para a construção, em abril de 1978, de um Coletivo encarregado de trazer a público temas tratados como “secundários”, tais como sexualidade, discriminação, artes, literatura, homofobia e machismo (TREVISAN, 2000) e é a partir desse coletivo que surge, então, o *Lampião da Esquina*. A linguagem empregada no *Lampião* deveria ser a mesma linguagem “desmunhecada e desabusada”, nas palavras do autor, do gueto homossexual, algo que o corpo editorial do jornal considerou imprescindível para todas as edições.

Trevisan (2018) traz alguns esclarecimentos acerca dessa distorção na linguagem utilizada pelo público gay, posteriormente empregada no *Lampião da Esquina*.

Andrew Sullivan lembra, a propósito, a capacidade singular de homossexuais historicamente resistirem aos sistemas de poder que os controlam, subvertendo para tanto as próprias convenções controladoras. Nessa subversão cultural se inscrevem o *deboche*, a *desmunhecação*, a *ironia* e o *riso*, florescendo num descaso pelas normas de gênero sexual (como o cultivo ao travestismo) e no uso distorcido da linguagem (TREVISAN, 2018, p. 34, *grifo nosso*).

Desse modo, Trevisan enfatiza a necessidade de a linguagem utilizada no *Lampião* retratar a mesma linguagem utilizada pela comunidade gay. Era preciso que o jornal fosse capaz de representar essa comunidade e, do mesmo modo, por meio do vocabulário, subverter os sistemas de poder hegemônicos que a controlava.

Enquanto o *Lampião da Esquina* começava suas atividades, iniciavam-se, também, nos primeiros meses de 1978, reuniões de um grupo de homossexuais interessados em atividades que visavam a liberação individual. Esse grupo, composto majoritariamente por artistas e estudantes universitários, era pequeno, mas serviu de impulsionador para todos os demais que

² Mais adiante, explicamos de forma mais aprofundada o conceito de ideologia dominante.

³ Sigla utilizada para descrever lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. O sinal de mais (+) ocorre pelo fato de a sigla já não dar conta de representar todas as identidades de gênero e orientações sexuais existentes.

surgiriam depois, tais como o movimento feminista, o movimento Negro Unificado, o Somos – Grupo de Afirmação Homossexual – e o Grupo Gay da Bahia. Nesse período, a falta de objetividade e de organização do primeiro grupo ainda era algo costumeiro, o que acabava por desagradar novos e novas integrantes que pretendiam integrar o movimento e acabavam desistindo de participar da luta política. Não havia o entendimento, naquele momento específico, de que o grupo, apesar de toda a informalidade e falta de organização, estava formulando ideias sobre práxis política (TREVISAN, 2000).

De acordo com Rosa e Silva (2015),

[...] a práxis política tem dupla expressão, podendo ser manifesta em sentido amplo ou em sentido restrito. No sentido ampliado, há que considerar a práxis política em qualquer esfera da sociedade, nas escalas relativas às relações interpessoais, às relações comunitárias e familiares e às dinâmicas entre Estados. No sentido restrito, a práxis política se dá quando o Estado ou o governo é o alvo e/ou o meio pelo qual o(s) sujeito(s) (individuais ou coletivos) realiza(m) intervenções nas relações econômicas, políticas e/ou sociais (ROSA; SILVA, 2015, p. 50).

A noção de práxis política, por sua vez, diz respeito ao fato de que todas as relações humanas estariam atravessadas por uma dimensão política, envolvendo participação ativa ou passiva, intencional ou não.

Todavia, falar sobre as primeiras iniciativas e movimentos homossexuais exige que também toquemos na questão das Paradas. Camargos (2018) fala sobre um ato público ocorrido no dia 28 de junho de 1996 na Praça Roosevelt que antecedeu o primeiro movimento hoje conhecido como Parada. Tal ato, que reuniu cerca de 150 pessoas, foi importante para sua articulação.

As Paradas constituíam-se como um movimento de resistência, cujo propósito primeiro era uma busca por visibilidade, mas não só isso. Desejava-se, também, comemorar e criar um aspecto lúdico, de alegria e representatividade. Além disso, em contraposição aos desfiles militares, que demarcavam muito bem a hierarquia social e a distância entre os que desfilavam e os que assistiam de fora, as Paradas LGBT+ tinham conotação diferente, pois subvertiam a ideologia dominante (CAMARGOS, 2018).

A festa da parada não representa o fim dos preconceitos e da violência que toda a população LGBT brasileira sofre, a cura da aids ou a conquista de todos os direitos. No entanto, o fato de sairmos às ruas em plena luz do dia para comemorar/rememorar é uma vitória simbólica sobre o medo e a paranoia da morte: se antes nos escondíamos de tudo, inclusive para morrer, pois a aids era o grande monstro, hoje buscamos nos mostrar para viver, pois o espírito da f(r)esta nutre a vida de esperança, sobretudo em momentos de golpes (CAMARGOS, 2018, p. 434).

Torna-se inequívoco, então, o fato de as Paradas serem um importante mecanismo de resistência utilizado contra a opressão e o medo da morte, pois eram pautadas na alegria, na diversidade e no entendimento de que também tinham importância para a política e para a democracia.

2.2 Homossexualidade, doença, pecado e criminalidade: implicações dos discursos médico, religioso e jurídico sobre os sujeitos gays

Indo além das discussões acerca dos primeiros movimentos homossexuais no Brasil, falamos agora de questões que digam respeito ao sujeito gay dos anos 1970, como este era caracterizado e qual o contexto político e social no qual encontrava-se inserido.

Segundo Laurenti (1984), o homossexualismo⁴ – como era entendida a homossexualidade na época – passou a existir na CID (Classificação Internacional de Doenças) a partir de sua 6ª revisão, em 1948, na categoria 320 (personalidade patológica), como um dos termos de inclusão da subcategoria 320.6 (desvio sexual). Muito antes disso, porém, Foucault (1976) pontua que, no século XIX, surgiram discursos que tentaram enquadrar a homossexualidade em uma espécie de “inversão” que possibilitaria um controle social sobre esse grupo.

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico”, permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”; mas também possibilitou a constituição de um discurso de reação: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade”, e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (FOUCAULT, 1976, p. 111).

Foucault esclarece, portanto, que, ao mesmo tempo em que surgiam discursos encarregados de considerar a homossexualidade como uma doença, isso também permitia que a própria comunidade gay ousasse levantar sua voz em defesa de si própria, renegando os conceitos de doença e pecado, utilizando também a própria linguagem como um movimento de resistência.

⁴ Para alguns estudiosos, o termo “homossexualismo” caiu em desuso por apresentar o sufixo grego *ismo*, que denota condição patológica.

Ainda segundo Foucault (1976),

A sexualidade foi definida como sendo, “por natureza”, um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar (FOUCAULT, 1976, p. 77).

Em vista disso, é legítimo o entendimento de que a noção de homossexualidade atrelada à doença já é bastante antiga. No Brasil, por exemplo, por treze anos a homossexualidade foi considerada, e tratada, oficialmente, como uma doença mental, e só em 1990, com a revisão das doenças por parte da OMS, a orientação sexual foi retirada da lista de patologias. Em 1985, a sociedade médica deixa de considerar o “homossexualismo” como uma doença e em 1990, então, a OMS retira da CID o que estava inserido como transtorno mental. No entanto, embora houvesse discussões sobre isso no campo da psicologia, somente em 22 de março de 1999, com a resolução Nº 1 do CFP (Conselho Federal de Psicologia), a homossexualidade deixa de ser classificada como uma doença mental passível de tratamento e os profissionais da psicologia são proibidos de realizarem tratamento para reversão da orientação sexual (SILVA JUNIOR, 2013).

Atualmente, há maiores esclarecimentos a respeito das mais diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, contudo, talvez seja necessário pensar sobre como os discursos médico, religioso e jurídico contribuíram diretamente com a categorização e caracterização da comunidade LGBT.

De acordo com Foucault (1976), havia discriminação contra a comunidade homossexual nos discursos médicos, que tratavam a homossexualidade como patologia capaz de ser curada; nos discursos religiosos, ao tratarem os gays como pecadores; e no jurídico, ao considerá-los criminosos capazes de abalar a ordem e a segurança da tradicional família burguesa de classe média. Esses discursos, alinhados uns aos outros, construíram imagens sociais para a homossexualidade.

Em meados de 1980, eclodia, no Brasil, a presença do vírus HIV. Para Trevisan (2000), a doença, de caráter infeccioso, era entendida, na época, como um castigo direcionado àqueles que viviam suas vidas sexuais de forma desregrada e libidínica. Logo, por entregarem-se de maneira “imoral” aos seus prazeres, recebiam como punição uma doença que era atrelada à sujeira – física e moral. Assim, junto com a Aids, vinham também sentimentos de culpabilidade

e punição, promovidos pelo “vírus do obscurantismo”, nas palavras do autor, fossem eles “representantes das igrejas ou líderes políticos”.

Com o surgimento da Aids, eclode, então, o puritanismo social e moral e concebe-se, no imaginário social coletivo, a ideia de que “contrair Aids equivale precisamente a descobrir (...) que se faz parte de um determinado grupo de risco, uma comunidade de párias” (SONTAG, 1989).

Assim, pensando que a Aids ameaçaria a moral vigente da época, emergiram discursos em defesa dos direitos da “maioria”. Dessa maneira, portanto, segundo Trevisan (2000), “acende-se o pavio da repressão”, algo que, provavelmente, sobreviveria durante anos.

Os efeitos do preconceito em relação à doença e a ideia – do mesmo modo preconceituosa – de que a Aids era uma doença exclusiva para homossexuais ainda causam problemas nos dias atuais, apesar de todo o progresso científico nos estudos sobre ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis).

3 DISCUSSÃO TEÓRICA

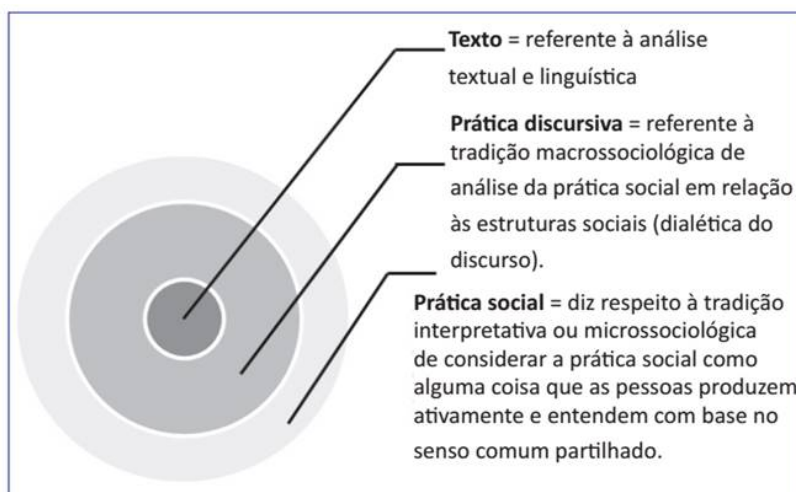
3.1 A Análise de Discurso Crítica (ADC)

Este trabalho está apoiado nos estudos desenvolvidos por Norman Fairclough sobre Análise de Discurso Crítica (ADC), a qual entendemos como um conhecimento teórico-metodológico capaz de conceber o discurso como uma prática social, sem qualquer pretensão de fazer análise do discurso somente como um procedimento epistemológico sobre a língua, mas sim e principalmente como um instrumento contra a injustiça social (FAIRCLOUGH, 2001). Por isso, a preocupação elementar da ADC é, por assim dizer, exteriorizar aquilo que está velado, subentendido, não-explicito, contestando discursos que são naturalizados pela sociedade e trazendo à tona diferentes concepções ideológicas encobertas por eles, bem como relações de poder e de dominação promovidas pelo discurso.

De caráter estritamente crítico, a ADC preocupa-se com três questões fundamentais: 1) compreender as relações entre linguagem e sociedade; 2) desenvolver iniciativas de “contrapoder” e de “contra-ideologia”; e 3) criar práticas de resistência à opressão social (FAIRCLOUGH, 1989).

Além disso, Fairclough propõe um modelo tridimensional de análise que se organiza em três dimensões: texto, prática discursiva e prática social. Assim, *texto* tem relação com a análise linguística; *prática discursiva* com as interpretações da produção (por quem o texto foi escrito, de que forma foi distribuído e qual público irá consumi-lo); e *prática social* tem relação com o contexto em que a prática discursiva acontece (OLIVEIRA; CARVALHO, 2013).

Figura 1: Modelo tridimensional de análise



Melo (2012), em seu livro sobre representações de LGBT em jornais de Pernambuco, tece reflexões a respeito da ADC. Ao mencionar os estudos de Fairclough, ele diz:

Para ele (Fairclough), o discurso é uma entidade-chave para posicionar os sujeitos sociais e funciona, ao mesmo tempo, como uma prática discursiva, uma prática social e uma prática textual. Isso significa que o estudo da Linguística, sobretudo da Análise do Discurso, constitui um estudo das propriedades intrínsecas do texto, do funcionamento discursivo (produção, organização e consumo do texto) e do que esse texto representa socialmente (se ele significa um instrumento de poder, por parte de quem, em que instância social e em que período histórico) (MELO, 2012, p. 64-65).

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que os discursos podem ser instrumentos de poder carregados de ideologias. Em razão disso, a ADC se ocupa de tentar desvendar esses sentidos, buscando investigar o funcionamento discursivo da linguagem e como estes funcionamentos podem romper com significados já estabilizados e/ou perpetuá-los.

Oliveira e Carvalho (2013) esclarecem que “o texto é a manifestação linguística da prática discursiva, que, por sua vez, é uma forma de prática social.” Os autores explicam pontualmente cada uma das três dimensões. Para eles,

A análise da dimensão textual é a descrição das propriedades formais do texto e dos significados dessas propriedades. Essa é uma tarefa aparentemente simples. Aparentemente. A simplicidade fica só na aparência porque o estabelecimento de relações entre formas e significados está estreitamente vinculado aos processos cognitivos do analista, que, em tese, precisa estar consciente de tais processos (OLIVEIRA; CARVALHO, 2013, p. 292).

Dessa forma, durante as análises na dimensão textual, pode haver a ideia equivocada de que esse processo é uma tarefa de fácil resolução. No entanto, como afirmam os autores, a simplicidade fica apenas na aparência porque o bom desenvolvimento das análises depende também dos “processos cognitivos do analista”, isto é, das relações que o analista crítico de discurso consegue estabelecer entre o objeto analisado e aspectos externos, como questões sociais, econômicas, ideológicas etc.

Ainda sobre a análise da dimensão textual, os autores reforçam que o analista deve atentar para quatro questões, ou itens, que devem ser levados em consideração, isto é, o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. Fairclough (2008) aponta estes quatro itens como apresentando relação mútua entre si.

Assim,

1) as palavras, elementos do vocabulário, combinam-se para formar frases e orações, elementos da gramática; 2) os elementos gramaticais mantêm ligações entre si, estabelecendo a coesão textual; 3) esses dois grupos de elementos contribuem para organizar e estruturar o texto (FAIRCLOUGH, 2008, p. 293).

De acordo com Oliveira e Camargo (2013), é imprescindível que o analista observe com atenção as escolhas lexicais feitas por aqueles que produzem os textos, pois elas podem “dar pistas para questões ideológicas importantes”. Isto é, ao escrever, o escritor deixa escapar para o seu texto suas concepções ideológicas, seus pontos de vista, seus julgamentos, sua compreensão sobre um determinado tema.

Em relação à análise da prática discursiva, esta se refere, como já falado, à “interpretação da produção, da distribuição e do consumo do texto”.

No que diz respeito à produção, por exemplo, o analista pode considerar os procedimentos editoriais na produção de textos na mídia. Nesse caso, se o objeto da análise for um texto publicado num jornal impresso, o analista observa o espaço destinado ao texto: em que página e em que seção ele foi inserido, qual o tamanho do texto, a presença ou a ausência de imagens no texto (ARRUDA; ARRUDA; ARAÚJO, 2017, p. 4).

Deve-se, nesta etapa da análise, verificar como o texto foi colocado socialmente em circulação, bem como analisar se é consumido de forma individual ou coletiva, pois tudo envolve escolhas lexicais e sintáticas específicas, feitas pelo responsável pela produção do texto.

Já no que toca à análise da prática social, esta diz respeito ao contexto social em que a prática discursiva se dá. Neste momento, o analista crítico do discurso vai se ocupar de investigar quais são os sujeitos envolvidos com a elaboração e recepção do texto, em que época e em que lugar é consumido.

Contudo, para compreender essas considerações trazidas pelos autores, é necessário, também, que compreendamos, mesmo que brevemente, do que se tratam ideologias. Para tanto, trazemos alguns apontamentos de Fairclough, influenciado por Gramsci e Althusser, que julgamos essenciais para a sustentação deste trabalho.

Desse modo, no que tange ao conceito de ideologia, Fairclough (2008) sugere a seguinte explicação:

[...] as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2008, p. 117).

Essa ideia de ideologia adotada por Fairclough tem a ver com o modo como ideologia e prática discursiva estão interligadas. Assim, quando os processos ideológicos por trás dos discursos são desvendados, conseguimos identificar as finalidades que possuem, muitas delas, geralmente, não tão claras à maioria dos leitores, por considerarem os discursos hegemônicos naturalizados como algo permanente. É desse modo, portanto, que a ADC pode contribuir com este estudo, pois nos permite analisar ideologias, preconceitos velados e caracterizações endereçadas aos sujeitos homossexuais.

Ainda tratando dos estudos de Fairclough sobre ADC, o autor traz algumas considerações acerca dos “discursos hegemônicos”. Para compreendê-las, mencionamos o que ele diz a respeito disso, sobre como as práticas discursivas podem colaborar para a conservação ou reorganização das relações de poder. De modo a explicar isso para o leitor, Fairclough (2008) define que:

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. [...] Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento (FAIRCLOUGH, 2008, p. 301).

Para o autor, é hegemonia tudo aquilo que revela relações de força e de poder em diferentes esferas políticas, econômicas e sociais. Assim, para compreender seu funcionamento é necessário, antes, compreender os contextos sociais e culturais das sociedades e das épocas.

3.2 As formas de representação dos atores sociais

Como falado, a ADC considera a linguagem enquanto uma prática social carregada de valores ideológicos. Assim, por ser prática social, segundo considera Fairclough, ela envolve, também, atores sociais. Dessa maneira, Fairclough (2003) apresenta como sugestão um diálogo

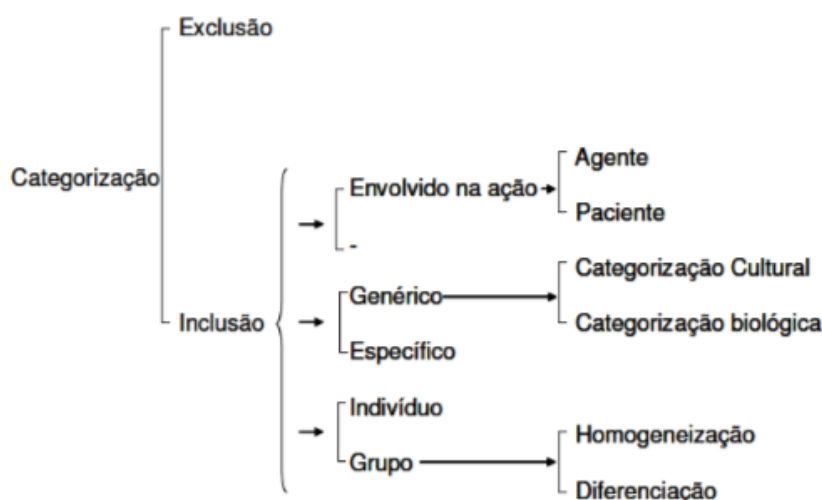
com a teoria de representação dos atores sociais desenvolvida por Theo van Leeuwen (1997; 2008). Fairclough observa que, se as representações dos atores sociais corroboram as relações de poder e de dominação, tais representações são, por consequência, ideológicas. Desse modo, como são representações dentro de determinadas práticas discursivas, elas podem ser (des)construídas. Assim, a análise das formas de representação dos atores sociais será utilizada para o estudo da dimensão textual.

Van Leeuwen, apoiado nas fundamentações de Halliday (1985) sobre gramática sistêmico-funcional, avalia como atores sociais são excluídos ou incluídos dos discursos. Estes atores sociais, como veremos mais adiante, podem ser caracterizados como indivíduos ou grupos sociais. As formas como aparecem nos textos também revelam sentidos ideológicos que podem ser estudados pelo analista crítico do discurso, algo que faremos com os textos retirados do *Lampião da Esquina*, *corpus* de análise do nosso trabalho.

O autor é claro, em sua proposta teórico-metodológica, ao afirmar que as escolhas linguísticas que fazemos ao nos referirmos às pessoas promovem representações que podem excluir ou incluir os sujeitos dos discursos. O mesmo ocorre quando, por meio de uma análise feita para identificar a agência e a paciência nos textos, conseguimos perceber processos de exclusão de indivíduos ou de grupos, pois, para ele, “as representações incluem ou excluem atores sociais para servir aos seus interesses e propósitos em relação aos leitores a que se dirigem” (VAN LEEUWEN, 1997). Em vista disso, por meio de supressões, por exemplo, é possível excluir sem deixar referências.

Para Van Leeuwen (1997, p. 169), “a agência [...], enquanto conceito sociológico, revela-se a maior importância clássica na Análise Crítica do Discurso: quais os atores sociais e em que contextos estão eles representados como ‘agentes’ e como ‘pacientes’?”. Assim, no que diz respeito aos processos de inclusão, estes podem acontecer de três formas diferentes: como agentes ou como pacientes em ações, incluídos de forma específica ou de modo genérico, ou como indivíduos ou grupo. Esse esquema de representação pode ser mais bem compreendido por meio da ilustração de Van Leeuwen.

Figura 2 – Representação dos atores sociais



Fonte: Van Leeuwen (1997, p. 219)

Por meio de ferramentas linguísticas e discursivas, os acontecimentos podem ser retratados de maneiras diferentes, através de processos de ativação e passivação, quando os atores sociais têm maior ou menor participação em um determinado acontecimento.

3.3 O sistema de avaliatividade

Com seu aparecimento em 1980, a Teoria da Avaliatividade proposta por White (2004) surgiu com base nos estudos de Halliday (1985) sobre Linguística Sistêmico-Funcional. Preocupado com o desenvolvimento de uma abordagem capaz de analisar a avaliação e a perspectiva em produções textuais, o autor propõe o sistema de avaliatividade, teoria ainda muito recente nos estudos sobre linguagem que, inicialmente, foi formulada para a análise de textos escritos, mas que, no fim, acabou sendo utilizada também em análises de interações orais.

A grande área da Avaliatividade se divide em três espaços de interação, sendo eles a *atitude*, o *engajamento* e a *gradação*. Para os fins deste trabalho, utilizamos apenas o campo da *atitude*, que se subdivide em *afeto*, *juízo* e *apreciação*. Dentro do campo da *atitude*, nos ocupamos do subitem *juízo*, focalizado no estudo sobre avaliação de comportamento.

Martin e White (2005) falam a respeito dos julgamentos referentes à “estima” e à “sanção social”. Os julgamentos de estima podem levar às pessoas a uma elevação ou rebaixamento social, por meio de escolhas linguísticas que revelam nossa avaliação pessoal sobre um dado assunto ou temática. Quando dizemos que um determinado posicionamento

político é retrógrado ou que determinada pessoa é corajosa e perseverante, estamos promovendo um julgamento de estima social a respeito do posicionamento político e da pessoa em questão. Nas análises do *corpus* deste trabalho, tratamos de verificar os julgamentos e seus funcionamentos dentro do texto.

A respeito do julgamento de sanção social, estes estão relacionados às regulamentações morais definidas culturalmente, isto é, têm relação com uma série de princípios morais que são normatizados por discursos de poder e que tem como propósito avaliar os sujeitos. Isto pode ser exemplificado quando avaliamos alguém como um sujeito verdadeiro, desonesto ou mentiroso. No julgamento de sanção social, lançamos olhar para a índole dos sujeitos, em um movimento que, como o próprio nome já diz, visa julgar o outro com base em concepções morais próprias daquele que está avaliando.

4 METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho, optamos pela pesquisa qualitativa como instrumento metodológico para a coleta de dados e análise, seguindo os princípios da ADC sobre análise discursiva, uma vez que esta acontece em três diferentes momentos: i) análise da prática social, ii) análise da prática discursiva e iii) análise da prática textual. Dessa maneira, desenvolvemos nossas análises de forma a aprofundar a compreensão que temos sobre um contexto social, pois a pesquisa qualitativa é “interpretativa, baseada em experiências, situacional e humanística, sendo consistente com suas prioridades de singularidade e contexto” (STAKE, 2011, p. 41).

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, de acordo com Flick (2009), podemos compreender que ela

[...] visa entender, descrever e explicar os fenômenos sociais de modos diferentes, através da análise de experiências individuais e grupais, exame de interações e comunicações que estejam se desenvolvendo, assim como da investigação de documentos (textos, imagens, filmes ou músicas) ou traços semelhantes de experiências e integrações (FLICK, 2009, p. 3).

Logo, a pesquisa de cunho qualitativo/interpretativo permite uma aproximação do pesquisador com a realidade a ser investigada, buscando explicar o porquê das coisas, sem limitá-las a uma única interpretação.

4.1 A Análise de Discurso Crítica: abordagem teórico-metodológica

Neste trabalho, trabalhamos com o modelo tridimensional de análise proposto por Fairclough (2001), cujas dimensões possíveis são: o texto, a prática discursiva e a prática social. Assim, analisamos os textos dentro da categoria texto, seus consumos e recepções dentro da prática discursiva e, enfim, os significados que encontramos por meio da análise das ideologias dentro da prática social.

4.2 Delimitação da pesquisa e *corpus*

Neste trabalho, os dados foram tratados qualitativamente, isto é, como interpretações de uma realidade social. Segundo Resende (2005, p. 112), “a pesquisa qualitativa é essencial quando se pretende focar em relações de mundo, relações sociais, identidades, ideologias ligadas a um meio social”. Entendendo isso, por meio do trabalho com a ADC – alinhado aos preceitos básicos da pesquisa qualitativa – é possível identificar as estruturas e relações de poder que se mantêm naturalizadas em determinados contextos sócio-históricos por discursos dominantes.

Dessa forma, compreendemos que os mecanismos de análise supracitados são capazes de nos fornecer um panorama acerca do contexto a ser investigado.

Para a delimitação do *corpus*, escolhemos o Lampião da Esquina por ser o primeiro jornal gay a circular pelo país em um cenário em que a repressão e a censura ainda pairavam sobre os LGBT's. Além disso, era um diferencial para o Lampião o fato de ter sido escrito por gays e para gays, o que nos permite respostas mais precisas sobre como os sujeitos homossexuais da época se viam e se sentiam representados, pois agora havia espaço para as suas vozes, historicamente silenciadas.

4.3 Critérios para a seleção do *corpus*

O procedimento de seleção do *corpus* de análise constituiu-se em dois momentos ou etapas. Para este trabalho, adotamos como universo de análise o jornal Lampião da Esquina, disponível online no site Grupo Dignidade. Trata-se do primeiro jornal LGBT impresso. Como critério de seleção do *corpus*, os textos deveriam conter a palavra “bicha”, por se tratar de uma designação comum empregada para insultar e classificar aqueles considerados desviantes da

heterossexualidade hegemônica. A partir desta seleção realizada por meio da ferramenta buscador, chegamos a um total de nove textos.

Quadro 1 – *Corpus* de análise

Título da matéria	Edição, mês e ano de publicação	Autor
Uma bicha atrevida pede a palavra	Edição 02, junho-julho, 1978	–
O que vem a ser bixórdia?	Edição 05, outubro, 1978	Antonio Chrysóstomo
Bichas, mulheres e negros no açougue do marketing	Edição 17, outubro, 1979	Antonio Chrysóstomo
Bichas: já pra cozinha	Edição 21, fevereiro, 1980	Leila Miccolis
Uma bicha no poder	Edição 23, abril, 1980	Adão Costa
Bichas baianas rodam o mimeógrafo	Edição 25, junho, 1980	Luiz Mott
Bicha religiosa	Edição 27, agosto, 1980	–
Bicha Cristina	Edição 34, março, 1981	Darcy Penteado
Uma visita ao QG das bichas de couro	Edição 37, julho, 1981	Seymour Kleinberg

Fonte: Autor (2019)

4.4 Procedimentos para análise

Como procedimento de análise, atentamos, em um primeiro momento, para a análise da prática discursiva, quando observamos as condições de produção e consumo do Lampião.

Por fim, o segundo passo diz respeito à análise da prática textual, mais especificamente das formas de representação dos atores sociais (VAN LEEUWEN, 1997), isto é, se aparecem de forma ativa, como praticantes das ações, ou de forma passiva, afetados pelas ações dos outros.

5 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE

Com o objetivo de proporcionar ao leitor uma visão mais panorâmica da análise realizada, elaboramos uma tabela para cada uma das representações encontradas, divididas em categorias, a qual pode ser encontrada no apêndice deste trabalho. Destacamos, contudo, nas seguintes sessões, os recortes mais significativos dos textos que compõem o *corpus* e, durante as análises, focamos nas Formas de Representação dos Atores Sociais e na Teoria da Avaliatividade, com base na avaliação de comportamento.

5.1 Bichas representadas como sujeitos que só possuem subempregos

Considerando o modelo tridimensional de análise elaborado por Fairclough para a análise da prática textual, isto é, uma análise linguística, destacamos alguns trechos que são significativos para compreendermos como os processos de representação acontecem.

Aqueles que, contrariando as regras, resolvem assumir-se publicamente, são atirados à mais aviltante situação para a própria sobrevivência: a prostituição.

Neste trecho do texto 1⁵, encontramos o pronome demonstrativo “aquele” que, de acordo com as definições dadas pelos dicionários, é utilizado para se referir à pessoa ou coisa genericamente mencionada. Além disso, refere-se, também, ao que está mais distante do enunciador, ou àqueles que estão à margem, segundo nossa interpretação. Isto é, com ele, é possível perceber que o autor não faz questão de identificar os homossexuais como sujeitos individuais, pois os categoriza, segundo os processos de inclusão encontrados dentro da teoria de representação dos atores sociais, como um grupo homogeneizado. Já a locução verbal “são atirados”, por estar na voz passiva, indica que o sujeito é paciente e sofre não apenas a ação causada pelo verbo, mas também os efeitos de alguém que é lançado, violentamente, em direção a algo socialmente considerado humilhante e desonroso: a prostituição. Ainda sobre a locução verbal “são atirados”, fica evidente que quem é atirado são os homossexuais, todavia, não é revelado no texto o praticante da ação. Desse modo, o sujeito responsável por ela fica oculto, pois passa por um processo de supressão.

⁵ O texto 1 e os demais textos que foram analisados encontram-se nos anexos desse trabalho.

Por conseguinte, é importante lembrarmos que, em função da falta de oportunidades e alternativas, resta, a uma parcela da comunidade LGBT+, como única possibilidade de sustento, a prostituição. No caso das travestis e dos/das transexuais, essa questão é ainda mais problemática, uma vez que, segundo estudos, cerca de 90% dos e das transexuais sofrem dificuldades para serem aceitos e aceitas no mercado de trabalho formal. Todavia, o que é problemático nos dias atuais passa a ser ainda mais na década de 70 e 80 com a emergência do vírus da AIDS, que colocava a população LGBT+ em situação de risco, em especial aqueles e aquelas que precisavam se prostituir para sobreviver.

Outros, que conseguem sair dessa situação espúria, apenas são admitidos no rol da sociedade burguesa e capitalista como profissionais liberais do supérfluo e da futilidade: cabeleireiros, costureiros, decoradores, etc.

O autor do texto, que não chega a ser identificado, apesar de se posicionar como alguém com um discurso progressista, apresenta-se, também, como alguém que insiste na manutenção de um sistema opressor que julga homossexuais, quando se refere à prostituição como “situação espúria” e algo “aviltante” ou quando se refere às profissões cabeleireiro e costureiro como “supérfluas” e “fúteis”. Essas escolhas lexicais não são vazias de significado, mas revelam certa contradição no discurso de alguém aparentemente interessado em reformas políticas e sociais, uma vez que o texto se trata de uma moção apresentada no encontro da Convergência Socialista, em São Paulo, composto por estudantes e sindicalistas que buscavam uma saída democrática para os impasses da sociedade da época.

Os homossexuais que, de algum modo, conseguiam escapar da prostituição acabavam caindo em subempregos, tornando-se cabeleireiros, decoradores, costureiros etc. Não cabe a nós, contudo, julgar as profissões, mas é interessante pensarmos sobre como ascender social e profissionalmente, durante aquela época, era uma realidade quase impossível para a comunidade LGBT+.

Homossexuais: precisa-se para serviços domésticos, desde a preparação de pratos até a limpeza, em troca de um salário de quatro mil cruzeiros.

Neste trecho do texto 4, fala-se sobre uma vaga de emprego cujo pré-requisito para contratação seria a homossexualidade. O contratante é categórico ao afirmar que busca alguém para preparar pratos e limpar e que, para tais funções, precisaria de um homossexual.

Atualmente, de acordo com uma pesquisa realizada com 10 mil empresas pela Elancers, companhia encarregada de analisar sistemas de recrutamento e seleção, 1 em cada 5 empresas não contrataria homossexuais para cargos formais e importantes. Desse modo, o preconceito e os processos de exclusão atravessam décadas e nos alcançam na atualidade, mais uma vez colocando grande parte da comunidade LGBTQ+ à margem da sociedade, em empregos não tão reconhecidos e bem remunerados.

5.2 Bichas representadas como sujeitos estereotipados

Nos anos 70, a grande mídia tratava de representar os homossexuais como sujeitos caricatos, sem histórias próprias e com papéis superficiais. Os desdobramentos das narrativas televisivas, cinematográficas ou publicitárias geralmente acabavam por mostrar esse grupo como acompanhantes de madames e coadjuvantes, desempenhando papéis secundários. A imagem do homossexual, no período em análise (anos 70 e 80), ainda era muito atrelada às concepções do que é ser feminino. Assim, discursos sobre gays reforçaram estereótipos que até hoje existem, construindo para a comunidade homossexual representações e maneiras de ser e agir, baseadas no entendimento de que todo homossexual deseja ter características e comportamentos do sexo oposto.

Analisando o texto 4, percebemos como os homossexuais eram discursivamente estereotipados.

Mas será que D. Stella só gosta dos homossexuais porque eles são eficientes no trato com a vassoura e o fogão? Ela diz que não: “Os homossexuais são pessoas maravilhosas de se tratar. São delicados e têm uma criatividade incrível.

O texto 4 trata-se de um anúncio alocado em um jornal para conseguir empregados homossexuais. A mulher, dona da vaga para trabalhos domésticos em sua residência, é categórica ao afirmar que todos os gays são “pessoas maravilhosas de se tratar, delicados e com uma criatividade incrível”. Ao dizer isso, inconscientemente reforçam-se modelos e padrões do que é ser homossexual. Estereotipa-se, portanto, sujeitos gays em figuras únicas, cuja personalidade, desejo, vontade e atribuições seriam sempre as mesmas, pois estaria falando de um grupo homogêneo que, no imaginário social, deveria possuir os mesmos comportamentos, pensamentos e aspirações.

O leitor poderia pensar: imitar bicha é fácil. Ledo engano. Desmunhecar é fácil, mas manter toda uma postura de dar pinta, caminhar com certos trejeitos femininos, característicos de bicha, e manter todas as expressões frescas por duas horas aproximadamente de espetáculo, sem ser bicha, é muito difícil.

Neste trecho do texto 5, fala-se sobre um ator que interpreta um homossexual em uma peça de teatro. Para atuar como um sujeito gay, ele precisaria agir como tal. No seu entendimento, agir como gay seria, obrigatoriamente, agir como uma mulher, procedendo como uma figura feminina e suas referidas características. Ele deveria “desmunhecar”, “dar pinta”, “caminhar com certos trejeitos femininos, característicos de bicha” e “manter todas as expressões frescas”.

Em plena ditadura militar, um homem desmunhecar poderia ser considerado um ato criminoso. Exibir isso em uma peça de teatro anos antes, em um momento em que o regime militar era mais rígido, poderia ser caso de morte.

Fairclough já dizia que as ideologias são “significações/construções da realidade”. Aqui se encaixam o mundo, as relações sociais e também as identidades, que contribuem com a reprodução ou modificação dessas relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2008). As identidades sociais, isto é, os gays, as lésbicas, os bissexuais, as travestis e os/as transexuais, contribuíram fortemente com a transformação/subversão das relações de poder e dominação exercidas pelo regime militar e pela sociedade patriarcal contra a comunidade LGBTQ+.

5.3 Bichas representadas como grupo homogêneo

Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machês, palavra originária de bicha, s.i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f. mistura, bagunça. Representação do que é livre, autopermitido.

Durante as análises do texto 2, podemos perceber, dentro da análise da prática textual, ao atentar para o vocabulário escolhido, que o autor cria novas palavras, até então inexistentes, mas que acabam adquirindo significado com o uso da linguagem. O autor, assim, faz uso de duas palavras para a criação de uma nova. A palavra “bicha”, historicamente empregada como um substantivo para designar homossexuais ou todos aqueles que se afastam da concepção hétero e binária de gênero, juntamente utilizada com “mixórdia” que, segundo o dicionário,

significa “mistura, bagunça”, possibilita a criação de “bixórdia”, cujo significado por vir a ser a representação de tudo aquilo que é livre e autopermittido.

Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas?

Nesse contexto de “bixórdia”, misturar-se-iam todos os que fazem parte da comunidade LGBT, demonstrando, portanto, a urgência da construção de uma identidade única para a comunidade LGBT+, em um processo de homogeneização.

Ao observar isso, então, tornam-se evidentes alguns processos de homogeneização da comunidade LGBT+, uma vez que dentro da categoria homossexual acabam entrando todas as demais identidades de gênero e sexualidades, sem grandes distinções a serem levadas em consideração. É possível analisar, ainda, os diferentes recortes que são apresentados dentro desse grupo, como, por exemplo, as mariconas (homossexuais de idade mais avançada).

As críticas recaíram sobretudo no cabeçalho do texto, onde, propositadamente, resolvemos “dar o nome aos bois”, ou melhor, aos viados, enumerando vários “palavrões” classificatórios dos homossexuais: “bichas, sapatões, gays, viados, lésbicas, entendidos, bonecas, franchonas, pederastas, giletetes, enrustidos, travestis, entendidas, etc.

No texto 6, o trecho “dar nome aos bois, ou melhor, aos viados” vem logo acompanhado de outros termos encarregados de representar todas as demais identidades e sexualidades que, interpretamos, enquadrar-se-iam dentro da categoria homossexual: “bichas, sapatões, gays, viados, lésbicas, entendidos, bonecas, franchonas, pederastas, giletetes, enrustidos, travestis etc.”

Além do mais, lembramos aos esquecidos, ou elitistas, que homossexual é todo aquele que gosta do mesmo sexo, seja a bicha pobre da periferia, o travesti desdentado do Pelourinho, a boneca Cartier do Holmes, o entendido rançoso do La Boheme ou o “bi-sexual” (última descoberta da VEJA para pasmo do Dr. Freud!) do Porto da Barra.

Segundo nossa interpretação, entendemos isso como uma tentativa de criação de uma identidade única, capaz de abrigar a todos e todas. Ao final do trabalho, nas considerações finais, explicamos essa questão de forma mais detalhada.

Penso que a mais “ateia” das pessoas não passa uma vida inteira sem questionar-se com relação a um “Sentido Último” da vida, a um Deus. Para nós, bichas (prostitutas, ladrões, vagabundos, crioulos revoltados, adolescentes rebeldes, etc.) esta questão (apenas esta) parece ser um pouco confusa

Neste trecho retirado do texto 7, repete-se, novamente, a homogeneização de um grupo, pois na categoria “bicha” entram todos aqueles socialmente considerados fora das normas, isto é: prostitutas, ladrões, vagabundos, crioulos revoltados, adolescentes rebeldes etc. Assim como as bichas, trata-se de grupos sociais minoritários, socialmente incompreendidos e vulneráveis. Ao reunir todos esses grupos em um só, o autor do texto promove uma homogeneização, processo que, de acordo com nossas análises, é bastante recorrente.

Os travestis, que você só julga pela aparente fachada consumista do sistema, são à sua maneira muito mais contestadores que nós, os carneiros obedientes que, se quisermos sobreviver sem fazer parte dos estereótipos permitidos e úteis (costureiros, inteligentes, cabeleireiros habilidosos, decoradores refinados), temos que nos disfarçar de héteros, o que não deixa de ser travestismo e prostituição.

Assim como nos outros textos, no 8 acontecem os mesmos processos de normatização e homogeneização dos homossexuais, quando a sociedade decide que para eles as únicas profissões possíveis – e aceitas – são as de cabeleireiro, costureiro, decorador etc. Além disso, há um outro aspecto interessante para ser analisado. Dentro desses estereótipos até então considerados fúteis, há o adjetivo/substantivo “inteligente”. Para grupos ditos minoritários, como o caso das bichas, das mulheres, dos negros e das negras e das travestis, é frequente a ideia de que é preciso ser duas vezes melhor, mais inteligente, mais bonito, mais ágil, mais útil, sobressaindo-se e demonstrando-se melhor em atividades exercidas por heterossexuais, brancos e homens. Apenas assim, portanto, esses grupos conseguiriam ser aceitos no rol da sociedade burguesa e capitalista. Por outro lado, a palavra inteligente pode, também, ser uma crítica a alguns intelectuais da época que subterfugiam a condição homossexual por medo de represálias no contexto político social. O texto 8, por sua vez, enquadrar-se-ia no subitem 5.2, quando falamos em estereótipos utilizados para representar a comunidade LGBT+.

Os homossexuais, que adotam imagens de masculinidade que veiculam seu desejo de poder e sua crença na beleza, estão na verdade erotizando os mesmos valores da sociedade *straight* que tiranizam suas próprias vidas.

No texto 9, por fim, fala-se sobre o culto à beleza exercido por homossexuais que, para não serem tachados de bichas afeminadas, moldam seus corpos até atingirem os mesmos padrões de masculinidade atingidos pelos heterossexuais. O autor do texto, Seymour Kleinberg, por meio de uma oração subordinada adjetiva explicativa, critica o fato de os homossexuais erotizarem os mesmos valores pelos quais são agredidos. O autor, então, homogeneíza esse grupo, ao dizer que todos adotam essa mesma conduta.

6 APAGOU O LAMPIÃO?

A sexualidade, por décadas considerada estável e estritamente relacionada ao sexo biológico, hoje é entendida como diversa, múltipla, exibindo abundantes formas de manifestação. Apesar, contudo, de não mais vivermos em um período de extrema repressão política e censura, como nos anos de chumbo, ainda estamos em um contexto de ameaça, uma vez que o presidente, chefe máximo do poder executivo, usualmente, através de sua fala, autoriza a violência contra a comunidade LGBTQ+. Desse modo, pouca coisa mudou se levarmos em conta que a sociedade atual ainda tem preconceito com identidades e práticas sexuais apontadas como diferentes de tudo o que se reconhece como “normal”. Os discursos hegemônicos, por sua vez, ainda ditam regras e determinam o que pode ou não ser aceito, o que deve ou não ser levado em consideração, as vozes que devem ser ouvidas e as que devem ser silenciadas.

No que concerne ao Lampião da Esquina, acima de tudo podemos dizer que ele possibilitou a construção de um lugar para o homossexual, constituindo-se, assim, como um ambiente propício para que suas vozes e as novas identidades e sexualidades que emergiam pudessem ser ouvidas e entendidas nesse panorama pós-ditadura.

Independentemente das posturas adotadas e das divisões dentro da comunidade LGBTQ+, dados que conseguimos perceber em nossas análises, a principal proposta do Lampião foi, desde o início, conscientizar o homossexual sobre sua função social e política no cenário em que estava inserido, compreendendo que o primeiro passo para reivindicar seus direitos seria assumir a sua sexualidade, reconhecendo-se, no final, como uma figura importante na construção de um novo país, intelectualmente mais aberto, plural, diverso e democrático.

A luta política do Lampião da Esquina, desse modo, estaria diretamente relacionada à luta social, uma vez que a ele cabia a função de questionar – com uma linguagem muito própria – as construções sociais sobre o que era ser um homem homossexual. Com o jornal, presenciemos novos sentidos para termos como “bicha”, usados de maneira pejorativa para denominar os homossexuais. Assim, o que no passado era utilizado para insultar, agora é resignificado de forma positiva, com sentido de valorização e resistência.

Com a multiplicidade de identidades que vão surgindo e que, em certos momentos, acabam entrando em conflitos umas com as outras, surgem também algumas problemáticas, como o fato de o discurso criar subgrupos minoritários dentro de grupos minoritários. Assim, as travestis, as lésbicas, os transexuais e os bissexuais fariam parte desse subgrupo minoritário discriminado por um grupo que estaria igualmente à margem.

O Lampião da Esquina tratava de criticar, com ironia, construções sociais e parâmetros de masculinidade, cujos papéis seriam definidos socialmente. Além disso, com o seu surgimento, outras formas identitárias ganharam espaço para discussão, tais como a bissexualidade, a travestilidade, a transexualidade e a homossexualidade feminina.

Em um primeiro momento, contudo, verificamos a necessidade da construção de uma identidade única para todos aqueles que se encontravam à margem, de modo que isso possibilitaria maior aglomeração de pessoas envolvidas com a causa LGBTQ+ na resistência à força policial e à repressão política e midiática. Todavia, nos dias atuais, isso talvez não caiba mais, pois há a imprescindibilidade da distinção entre as orientações sexuais e identidades de gênero, como forma de melhor compreender a diversidade sexual e de gênero.

Portanto, fundamentados na Análise de Discurso Crítica desenvolvida por Norman Fairclough (2001a; 2003), adquirimos subsídio para compreender a linguagem, concebendo-a como uma prática social característica das relações humanas. Dessa forma, entendemos que procedimentos verbais e mentais se constituem como recursos linguísticos cruciais para compreendermos como homossexuais são representados em enunciados. Verificamos, então, que estes (os enunciados) apresentam os homossexuais majoritariamente como sujeitos pacientes, isto é, que recebem a ação praticada pelo verbo. Do mesmo modo, ou são apresentados de forma genérica, ou como grupos homogêneos, ou como sujeitos estereotipados.

O que ficou evidente para nós é que dentro da própria comunidade LGBTQ existem relações de poder que se materializam por meio dos discursos. Para Fairclough, o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Evidenciou-se, a partir disso, que sistemas de poder são sustentados por discursos dominantes que se apresentam como verdades. Tal processo de sustentação, que posteriormente acarretará a formulação de uma única “verdade”, dá-se por meio de um conjunto de mecanismos que contribuirão para a produção, normatização, distribuição, circulação e operação desses discursos. Isto é, dentro da própria comunidade LGBTQ+, cuja premissa seria a resignificação de termos outrora utilizados para depreciá-la, há também discursos que perpetuam relações de poder que segregam e apagam individualidades.

Tomamos como nota, também, o fato de a comunidade LGBTQ+ ser majoritariamente representada de forma homogênea. Ainda que em nossas análises tenhamos dividido em categorias, fica evidente essa tentativa de homogeneização.

Por fim, consideramos que nossos objetivos – geral e específicos – foram alcançados com sucesso, pois, com o intermédio da ADC, conseguimos analisar as representações dispostas aos sujeitos homossexuais, percebendo, também, que o Lampião da Esquina foi revolucionário em sua proposta, tornando-se, assim, um importante material sobre a história LGBT no Brasil.

Para finalizar, consideramos que elaborar esse trabalho foi uma experiência bastante engrandecedora em termos de pesquisa e aprendizado. Com a ajuda da ADC, conseguimos apurar nosso olhar para os textos, compreendendo-os como acontecimentos discursivos e, portanto, ideológicos. Em consonância com um dos primeiros objetivos da ADC, isto é, “criar práticas de resistência à opressão social”, entendemos que nosso trabalho, em sua essência, trata-se de uma prática de resistência no sentido de que questiona como as relações de poder se constroem no discurso e como por ele seguem sendo reproduzidas.

Questionar o estado atual das coisas, então, é tarefa do professor e, como tal – e agora falo em primeira pessoa –, eu não poderia ignorar o fato de a comunidade LGBT+ ainda ter muitas conquistas a serem alcançadas. Assim, como gay, considero imprescindível a continuidade dessa pesquisa em trabalhos futuros, algo que certamente farei.

Desse modo, não se apaga o Lampião da Esquina, mas acende-se ainda mais, nesta pesquisa e nas próximas que virão.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, R. B. L.; ARRUDA, M. R. S.; ARAÚJO, A. D. **A construção de sentidos em memes na perspectiva da prática social e da multimodalidade discursiva**. Vitória: PERcursos Linguísticos, 2017, p. 4.

BANDEIRA, M. L. G. **Será que ele é?: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa**. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

CAMARGOS, M. O surgimento das Paradas LGBT no Brasil. *In*: GREEN, J.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 424.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP N° 1, de 22 de março de 1999**. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-1-1999-estabelece-normas-de-atuacao-para-os-psicologos-em-relacao-a-questao-da-orientacao-sexual?origin=instituicao&q=homossexualidade>. Acesso em: 27 de maio de 2019.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse. Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 3ª ed. – São Paulo, Paz e Terra, 2015.

G1. **Transexuais enfrentam barreiras para conseguir aceitação no mercado de trabalho**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/transexuais-enfrentam-barreiras-para-conseguir-aceitacao-no-mercado-de-trabalho.ghtml>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

G1. **1 em cada 5 empresas não contrataria homossexuais**. Disponível em: <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2015/05/1-em-cada-5-empresas-nao-contrataria-homossexuais-diz-estudo.html>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

GRUPO DIGNIDADE. **Lampião da Esquina**. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 27 de maio de 2019.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar (1st ed.)**. London: Edward Arnold. 1985.

LAURENTI, R. **O homossexualismo e a classificação internacional de doenças**. Rev. Saúde Pública, vol. 18, n. 5, São Paulo, 1984.

MACRAE, E. **O militante homossexual no Brasil da “abertura”**. 1985. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 390.

MARTIN, J. R., & WHITE, P.R.R. **The Language of Evaluation: appraisal in English**. London: Palgrave/Macmillan. 2005.

MELO, I. F. **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática**. Campinas, São Paulo. Pontes Editores, 2012.

OLIVEIRA, L. A.; CARVALHO, M. A. B. **Fairclough**. OLIVEIRA, L. A (Org.). **Estudos do Discurso: perspectivas teóricas**. Parábola, 2013, p. 281.

PINHEIRO, D. A. R. **Autoritarismo e homofobia: a repressão aos homossexuais nos regimes ditatoriais cubano e brasileiro (1960-1980)**. CADERNOS PAGU, 2017.

REIS, T. O movimento homossexual. In: FIGUEIRO, Mary Neide Damico (Org.). **Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade**. Londrina: EdUEL. 2007. p. 101-102.

RESENDE, V. M. **Literatura de Cordel no contexto do novo capitalismo: O discurso sobre a infância nas ruas**. 2005. 240f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

ROSA, L. A., & SILVA, A. P. S. **Sujeito político dramático: mudanças vivenciadas por uma militante do MST**. Psicologia & Sociedade, 2015, p. 47-57.

SILVA, E. R.; GONÇALVES, C. A. **Possibilidades de incorporação da análise crítica do discurso de Norman Fairclough no estudo das organizações**. Cadernos EBAPE.BR. Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, G. **História Política e Análise do Discurso: uma escrita da história em construção**. In: XXV Simpósio Nacional de História, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2009. v. 1. p. 01-08.

SILVA JUNIOR, P. M. **Corpos, escola e sexualidades: um olhar sobre um programa de orientação sexual**. ANPEd, 2009. Caxambu. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd, 2009 (CD-ROM). Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5302--Int.pdf>.

SONTAG, S. **AIDS e suas metáforas**. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 1989.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Editora Record. Rio de Janeiro, 2000.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2018.

VAN LEEUWEN, T. **A representação dos atores sociais.** In: PEDRO, Emília Ribeiro. (Org.) *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional* Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

WHITE, P. **Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva.** *Linguagem e(m) Discurso*, 4, n. Especial, 2004.

ANEXOS

Texto 01: Uma bicha atrevida pede a palavra...

Moção apresentada no encontro da Convergência Socialista, em São Paulo

No momento em que se discutem amplamente as questões relativas às lutas democráticas no país, não é possível esquecer as lutas das minorias discriminadas. Essas discriminações ocorrem não só no plano institucional como social, moral e sexual. Discriminado moral e socialmente, resta ao homossexual reprimir seus legítimos anseios, fazendo de sua frustração pessoal e moral a frustração de sua participação na produtividade social e coletiva, identificado com o geral da sociedade. Aqueles que, contrariando as regras, resolvem assumir-se publicamente, são atirados a mais aviltante situação para a própria sobrevivência: a prostituição. Outros, que conseguem sair dessa situação espúria, apenas são admitidos no rol da sociedade burguesa e capitalista como profissionais liberais do supérfluo e da futilidade: cabeleireiros, costureiros, decoradores, etc.

A questão do homossexualismo masculino e feminino salta neste momento como questão fundamental a ser reconhecida como uma das lutas democráticas, que tem características próprias mas não se afasta da luta mais ampla pela reformulação da moral sexual brasileira, seja hétero ou homossexual, por todos aqueles que acreditam na possibilidade de uma sociedade mais justa e democrática. Os homossexuais, vítimas de um sistema discriminatório, reacionário e intolerante, esperam da Convergência Socialista a acolhida de sua luta. Confiamos em que o socialismo, que pretendemos seja um sistema equitativo, aberto e democrático que tenha o ser humano como peça fundamental independente de sua sexualidade, traga em seus fundamentos o necessário elemento democrático que permita a todos as mesmas possibilidades.

Texto 02: O QUE VEM A SER BIXÓRDIA?

Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machês, palavra originária de bicha, s.i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f. mistura, bagunça. Representação do que é livre, autopermitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas?

Texto 03: Bichas, mulheres e negros no açougue do marketing

[...] Mais: o debate teria cumprido o seu fim se tivéssemos podido discutir livremente com os publicitários os estereótipos, a discriminação com que (mesmo quando também homossexuais) nos premiam em seus anúncios e filmes. Assim: o negro é empregado doméstico ou varredor de rua; a mulher, um objeto-prêmio para o macho-vencedor; a bicha, bicha mesmo, bem desmunhecada e ridícula em papéis de mordomo, cabeleireiro etc. Pode parecer um panorama simplista, mas no caso simplismo é dos criadores publicitários, menos criadores do momento que não têm sensibilidade ou imaginação para ver estes três grupos por ângulos mais realistas e originais.

[...] Um dos congressistas, Ricardo Guimarães, teve até a ousadia de sair do marasmo e indagar diretamente o que achávamos de um filme feito por sua agência, a Castelo Branco e Associados, CBBA, para o Creme de Leite Paulista, em que o ator Sérgio Mamberti faz exatamente um mordomo **fresco**, estabelecendo-se, a partir daí, a analogia óbvia entre o seu **frescor** e o do creme de leite anunciado.

[...] Eis o alcance evidente da verdade: a bicha estereotipada só existe nas cabeças medrosas dos que se apavoram com a miserável grandeza do ato de viver e pensar por conta própria.

Texto 04: Bichas: já pra cozinha

“Homossexuais: precisa-se para serviços domésticos, desde a preparação de pratos até a limpeza, em troca de um salário de quatro mil cruzeiros”. O anúncio, publicado no jornal O Fluminense, levou vários candidatos ao emprego à casa de D. Stella Eggy, à Rua Barão do Amazonas, 495, apto. 202, centro de Niterói, onde ela mora com o marido e mantém uma pequena mansão, destinada a uma clientela privada – pessoas que trabalham na Caixa Econômica Federal, que fica perto da casa. Um dos candidatos era um repórter do próprio jornal, encarregado de fazer uma entrevista com a responsável pelo anúncio insólito.

D. Stella não se fez de rogada, e explicou por que preferia dar emprego a homossexuais em sua pensão: “Olha, trabalhou aqui um que se chamava Mundinho. Ficou oito anos e foi embora há seis meses, quando partiu para o Nordeste junto com a mãe. Nunca me deu trabalho e tinha bastante liberdade aqui em casa. Desde então, é chegar uma empregada e dois dias depois ir embora, tão rápido como chegou. Aí acabei dizendo um “basta”: botei um anúncio no jornal e pronto.

Mas será que D. Stella só gosta dos homossexuais porque eles são eficientes no trato com a vassoura e o fogão? Ela diz que não: “Os homossexuais são pessoas maravilhosas de se tratar. São delicados e têm uma criatividade incrível. Sou do Espírito Santo, onde era dona de um salão de costuras. Lá comecei a me dar com eles. Quando me formei em administração de empresas, foi um homossexual quem fez meu vestido de formatura e me maquilou. Fiquei outra, é uma coisa maravilhosa. Aí, sempre preferi eles para trabalharem para mim”.

Texto 05: Uma bicha no poder

[...] O leitor poderia pensar: imitar bicha é fácil. Ledo engano. Desmunhecar é fácil, mas manter toda uma postura de dar pinta, caminhar com certos trejeitos femininos, característicos de bicha, e manter todas as expressões frescas por duas horas aproximadamente de espetáculo, sem ser bicha, é muito difícil. O trabalho de ator de Oracindo está simplesmente irretocável.

[...] Também é bom lembrar que as bichas cabeleireiras se preocupam muito com a aparência de seus locais de trabalho.

[...] Continua Gracindo: “O Fúlvio representa todos os homossexuais de sua classe. Para conseguir fazer este papel sem cair numa figura folclórica eu e a equipe nos voltamos para o mundo real dos cabeleireiros homossexuais. Tivemos supervisão do cabeleireiro Fernando. Além disto sou amigo do Clodovil e do Oldy, os quais me ajudaram muito. Mas teve um ponto importante neste trabalho que gostaria de colocar: não sou homossexual, e tive uma formação machista muito rígida. Quando começamos os ensaios apareceu no **Lampião** uma entrevista com Fernando Gabeira. Li a reportagem e fiquei muito envolvido com que ele disse. Chegamos a usar o **Lampião** como pesquisa no nosso trabalho. Senti então que precisava liberar a mulher que tenho dentro de mim. Fúlvio já tinha feito travesti, portanto sua relação está muito ligada com a mulher. Precisei despertar este lado meu para que o papel fosse bem feito. A partir deste momento senti que não era somente o ator que estava envolvido, mas que também uma relação mais livre se passa agora dentro de mim.

Texto 06: Bichas baianas rodam o mimeógrafo

Muitos homossexuais baianos, além de “rodar a baiana”, têm-se preocupado ultimamente em conscientizar a população gay local para que entrem na luta contra todas as formas de discriminação aos homossexuais. Recém-fundado, o Grupo Gay da Bahia resolveu sair às ruas, conclamando todos os homossexuais a se organizarem em grupos que lutem em defesa de

nossos direitos de pessoas humanas que não têm nem medo nem vergonha de amar pessoas do mesmo sexo. “Luta para a gente poder existir”.

Distribuimos aproximadamente mil documentos, concentrando-nos sobretudo nos locais de maior badalação homossexual de Salvador: Porta do Teatro Castro Alves, Beco dos Artistas, Bar Oásis, Nildau, Boites Safari e Holmes. No domingo de manhã, o ensolarado Porto da Barra. A panfletagem, felizmente, transcreveu sem incidentes – o que era de se esperar, dado o teor legal do manifesto, e a proteção de legiões de Orixás, Santos e Santas do panteão gay do além... Favoreceu-nos, igualmente, a vivermos em “tempo de abertura” ... O depoimento de mais de uma dúzia de gays que participaram da panfletagem foi unânime em revelar três aspectos: – No geral houve excelente receptividade dos homossexuais contatados ao documento. Após rápidas leituras do texto, foram diversos os homossexuais, homens e mulheres, que manifestaram de imediato sua vontade de fazer parte do grupo. – As críticas recaíram sobretudo no cabeçalho do texto, onde, propositadamente, resolvemos “dar o nome aos bois”, ou melhor, aos viados, enumerando vários “palavrões” classificatórios dos homossexuais: “bichas, sapatões, gays, viados, lésbicas, entendidos, bonecas, franchonas, pederastas, giletes, enrustidos, travestis, entendidas, etc. Quem chiou mais forte foram sobretudo os mais enrustidos e as bichas mais chics. Onde já se viu um “entendido ativo” (cruzes!) ser chamado de “viado”, estar citado ao lado de um “travesti” ou de uma “franchona”?!? Teve bicha que deu revertério, pichou o Grupo, excomungou o documento, profetizou a chegada do fim dos tempos. Tudo isto apenas pelo choque de ver num “documento”, lado a lado, termos “científicos” e “palavrões” vulgares. O objetivo do grupo foi exatamente este: provocar discussões. Mostrar para quem ainda não se deu conta que, quanto mais usarmos tais “palavrões”, mais rapidamente eles envelheceriam, deixando de ser tabu. Além do mais, lembramos aos esquecidos, ou elitistas, que homossexual é todo aquele que gosta do mesmo sexo, seja a bicha pobre da periferia, o travesti desdentado do Pelourinho, a boneca Cartier do Holmes, o entendido rançoso do La Boheme ou o “bissexual” (última descoberta da VEJA para pasmo do Dr. Freud!) do Porto da Barra. – Luiz Mott

Texto 07: Bicha religiosa

Penso que a mais “ateia” das pessoas não passa uma vida inteira sem questionar-se com relação a um “Sentido Último” da vida, a um Deus. Para nós, bichas (prostitutas, ladrões, vagabundos, crioulos revoltados, adolescentes rebeldes, etc) esta questão (apenas esta) parece ser um pouco confusa [...]

Texto 08: Bicha Cristina

[...] Os travestis, que você só julga pela aparente fachada consumista do sistema, são à sua maneira muito mais contestadores que nós, os carneiros obedientes que, se quisermos sobreviver sem fazer parte dos estereótipos permitidos e úteis (costureiros, inteligentes, cabeleireiros habilidosos, decoradores refinados), temos que nos disfarçar de heteros, o que não deixa de ser travestismo e prostituição. [...]

Texto 09: Uma visita ao QG das bichas de couro

[...] O que entretanto difere de tudo mais é a insensível busca de masculinidade. Não há limites: as mais opressivas imagens da violência e dominação sexual são adotadas sem hesitação. Os homossexuais, que adotam imagens de masculinidade que veiculam seu desejo de poder e sua crença na beleza, estão na verdade erotizando os mesmos valores da sociedade **straight** que tiranizam suas próprias vidas. É a tensão entre este estilo e o conteúdo de suas vidas que pede a libertinagem sexual que exibem. Antigamente, a duplicidade das vidas escondidas encontrava alívio no comportamento efeminado excessivo e caricato; agora, a supressão ou negação do problema moral implicado em sua escolha é muito mais nociva. [...]

APÊNDICES

Bichas representadas como sujeitos que só possuem subempregos

Matéria	Título	Excerto	Representações dos atores sociais	Teoria da avaliatividade/Avaliação de comportamento
M1	Uma bicha atrevida pede a palavra	E1: <i>Aqueles</i>	Incluso no discurso de forma genérica	
		E2: <i>São atirados à mais aviltante situação...: a prostituição.</i>	Envolvido no discurso como sujeito paciente	Julgamento de estima social
		E3: <i>Profissionais do supérfluo e da futilidade</i>	Categorizado como grupo homogêneo	Julgamento de estima social
M3	Bichas, mulheres e negros no açougue do marketing	E1: <i>Assim: o negro é empregado doméstico ou varredor de rua; a mulher, um objeto-prêmio para o macho-vencedor; a bicha, bicha mesmo, bem desmunhecada e ridícula em papéis de mordomo, cabeleireiro etc.</i>	Categorizado como grupo diferenciado	Julgamento de estima social
M4	Bichas: já pra cozinha	E1: <i>Homossexuais: precisa-se para serviços domésticos, desde a preparação de pratos até a limpeza, em troca de um salário de</i>	Incluso no discurso de forma genérica	Julgamento de estima social

		<i>quatro mil cruzeiros.</i>		
M8	Bicha Cristina	<i>E1: Os travestis, que você só julga pela aparente fachada consumista do sistema, são à sua maneira muito mais contestadores que nós, os carneiros obedientes que, se quisermos sobreviver sem fazer parte dos estereótipos permitidos e úteis (costureiros, inteligentes, cabeleireiros habilidosos, decoradores refinados), temos que nos disfarçar de héteros, o que não deixa de ser travestismo e prostituição.</i>	Categorizado como grupo homogêneo	Julgamento de estima social

Bichas representadas como sujeitos estereotipados

Matéria	Título	Excerto	Representação dos atores sociais	Teoria da Avaliatividade/Avaliação de comportamento
M4	Bichas: já pra cozinha	<i>E1: Os homossexuais são pessoas maravilhosas de se tratar. São delicados e têm uma criatividade incrível.</i>	Categorizado como grupo homogêneo	Julgamento de estima social

M5	Uma bicha no poder	E1: <i>O leitor poderia pensar: imitar bicha é fácil. Ledo engano. Desmunhecar é fácil, mas manter toda uma postura de dar pinta, caminhar com certos trejeitos femininos, característicos de bicha, e manter todas as expressões frescas por duas horas aproximadamente de espetáculo, sem ser bicha, é muito difícil.</i>	Categorizado como grupo homogêneo	Julgamento de estima social
M8	Bicha Cristina	E1: <i>Os travestis, que você só julga pela aparente fachada consumista do sistema, são à sua maneira muito mais contestadores que nós, os carneiros obedientes que, se quisermos sobreviver sem fazer parte dos estereótipos permitidos e úteis (costureiros, inteligentes, cabeleireiros habilidosos, decoradores refinados), temos que nos disfarçar de héteros, o que não deixa de ser travestismo e prostituição.</i>	Categorizado como grupo homogêneo	Julgamento de estima social

Bichas representadas como grupo homogêneo

Matéria	Título	Excerto	Representação dos atores sociais	Teoria da Avaliatividade/Avaliação de comportamento
M2	O que vem a ser Bixórdia?	<p>E1: <i>Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machês, palavra originária de bicha, s.i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f. mistura, bagunça. Representação do que é livre, autopermittido.</i></p>	Categorizado como grupo homogêneo	
		<p>E2: <i>Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas?</i></p>	Categorizado como grupo homogêneo	

M6	Bichas baianas rodam o mimeógrafo	E1: <i>As críticas recaíram sobretudo no cabeçalho do texto, onde, propositadamente, resolvemos “dar o nome aos bois”, ou melhor, aos viados, enumerando vários “palavrões” classificatórios dos homossexuais: “bichas, sapatões, gays, viados, lésbicas, entendidos, bonecas, franchonas, pederastas, giletes, enrustidos, travestis, entendidas, etc.</i>	Categorizado como grupo homogêneo	Julgamento de estima social
		E2: <i>Além do mais, lembramos aos esquecidos, ou elitistas, que homossexual é todo aquele que gosta do mesmo sexo, seja a bicha pobre da periferia, o travesti desdentado do Pelourinho, a boneca Cartier do Holmes, o entendido rançoso do La Boheme ou o “bi-sexual” (última descoberta da VEJA para pasmo do Dr. Freud!) do Porto da Barra.</i>	Categorizado como grupo homogêneo	Julgamento de estima social

M7	Bicha religiosa	E1: <i>Penso que a mais “ateia” das pessoas não passa uma vida inteira sem questionar-se com relação a um “Sentido Último” da vida, a um Deus. Para nós, bichas (prostitutas, ladrões, vagabundos, crioulos revoltados, adolescentes rebeldes, etc.) esta questão (apenas esta) parece ser um pouco confusa.</i>	Categorizado como grupo homogeneizado	Julgamento de estima social
M9	Uma visita ao QG das bichas de couro	E1: <i>Os homossexuais, que adotam imagens de masculinidade que veiculam seu desejo de poder e sua crença na beleza, estão na verdade erotizando os mesmos valores da sociedade straight que tiranizam suas próprias vidas.</i>	Categorizado como grupo homogeneizado	Julgamento de estima social